

RELATÓRIO

Por onde começar? Pelo óbvio: a observação permite concluir que o corpo do sujeito se encontra num estado transitório entre o seu nascimento e a sua própria morte, numa representação do seu próprio corpo.

O corpo apresenta-se fragmentado. Não existe um corpo inteiro. Evoca-se a ideia de que o conhecimento se constrói ao longo do tempo. Exige-se uma leitura analítica da comunicação do “eu” fragmentado, no retrato, no gesto. O corpo reclama a sua contemplação.

Os braços, antebraço esquerdo e lado direito do peito, expõem-se como signos do “eu” e da individualidade do sujeito. Existe uma objetificação do corpo, no interior do qual o sujeito é. Uma afirmação deste, no sentido de que pode agir sobre o seu corpo, tornando-o símbolo, inscrevendo-o no mundo.

Os músculos indicam linguagem, uma linguagem muscular, cujo sentido não é dado e carece de ser compreendido pelo espetador para significar-se. Antes da expressão há apenas uma ausência determinada que o gesto procura preencher e completar.

O sujeito inculca a ideia de que os gestos contribuem para revelar e exteriorizar as emoções, os anseios da alma, os movimentos íntimos e secretos: articulam a oposição entre o exterior visível e o interior oculto. Através dos gestos o corpo estabelece relações simbólicas.

Existe uma acentuada predominância dos gestos dos membros que pensam manualmente, dentro do mundo e da matéria.

Pontualmente, o sujeito parece citar John Coplans.

Alguns fragmentos do corpo dado a exame, indiciam ironia e um jogo em que o espetador é convidado a participar, para concluir que o diálogo do sujeito é mais interno, uma reflexão para o autoconhecimento, e menos um diálogo com o outro que vê e constrói sobre os fragmentos que lhe são oferecidos.

Depois há outras coisas. Há a luz.

Maio de 2021
O examinador
(assinatura ilegível)